

FACULDADE LABORO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

**ANA CRISTINA CANTANHEDE BARROS
LEIDILENE DE OLIVEIRA CARVALHO
SILVIA TEREZA BARBOZA DA SILVA RIBEIRO**

AS RELAÇÕES FAMILIARES DE ALCOOLISTAS:
revisão de literatura

**São Luís
2015**

**ANA CRISTINA CANTANHEDE BARROS
LEIDILENE DE OLIVEIRA CARVALHO
SILVIA TEREZA BARBOZA DA SILVA RIBEIRO**

AS RELAÇÕES FAMILIARES DE ALCOOLISTAS:
revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Faculdade Laboro, como requisito para obtenção de título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Ms. Janete Valois.

**São Luís
2015**

Barros, Ana Cristina Cantanhede; Carvalho, Leidilene de Oliveira; Ribeiro, Silvia Tereza Barboza da Silva

As relações familiares de alcoolistas: revisão de literatura / Ana Cristina Cantanhede Barros; Leidilene de Oliveira Carvalho; Silvia Tereza Barboza da Silva Ribeiro -. São Luís, 2015.

Impresso por computador (fotocópia)

23 f.

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Faculdade LABORO como requisito para obtenção de Título de Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. -. 2015.

Orientadora: Profa. Msc. Janete Valois

1. Alcoolismo. 2. Família. 3. Relações familiares. I. Título.

CDU: 351.761

**ANA CRISTINA CANTANHEDE BARROS
LEIDILENE DE OLIVEIRA CARVALHO
SILVIA TEREZA BARBOZA DA SILVA RIBEIRO**

**AS RELAÇÕES FAMILIARES DE ALCOOLISTAS:
revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Faculdade Laboro, como requisito para obtenção de título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Ms. Janete Valois.

Aprovado em / /

**BANCA
EXAMINADORA**

**Prof^a Ms. Janete Valois – Orientadora
Mestre em Psicologia Social
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ**

Prof^a Examinadora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 METODOLOGIA	08
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	09
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	16
ANEXOS	19

As relações familiares de alcoolistas: revisão de literatura

Family relationships of alcoholics : a literature review

Ana Cristina Cantanhede Barros¹
Leidilene de Oliveira Carvalho²
Sílvia Tereza Barboza da Silva Ribeiro³

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo realizar uma revisão bibliográfica em livros-textos e artigos científicos sobre relações familiares de usuários de álcool. Os artigos foram pesquisados em três bancos de dados - MedLine, LILACS e Scielo, sendo utilizados dois descritores de busca bibliográfica: “alcoolismo” e “família” combinados. Os critérios de inclusão para busca na literatura foram artigos científicos, redigidos em português, publicados no período de 2005 a 2015. O alcoolismo implica em vários danos para o dependente e seus familiares, ocasionando mudanças na dinâmica familiar. O apoio da família revela-se como de grande importância para melhores resultados durante o tratamento do dependente, da mesma forma que observa-se ser necessário o atendimento conjunto do dependente e de sua família pelas equipes de saúde.

Palavras-chave: alcoolismo; família; relações familiares.

ABSTRACT

This study aimed to conduct a literature review in textbooks and scientific articles on family relationships of alcohol users. The articles were researched in three databases - Medline, LILACS and Scielo, and used two bibliographic search descriptors: "alcoholism" and "family" combined. Inclusion criteria for literature search were scientific articles, written in Portuguese, published between 2005 and 2015. Alcoholism involves severe damage to the addict and their families, causing changes in family dynamics. Family support proves to be of great importance for best results during treatment dependent, just as we observe it necessary to set the service dependent and their families by health teams.

Keywords: alcoholism; family; family relationships.

1. Psicóloga pela Universidade Federal do Maranhão

2. Psicóloga pela Universidade Federal do Maranhão

3. Psicóloga pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

Drogas têm sido um tema muito discutido nos últimos tempos, principalmente pelo número de seus usuários está aumentando a cada dia. Dentre as diversas drogas, o Zálcool, que é um tipo de droga lícita, é a mais utilizada. Nesse sentido, Gonçalves (2012), afirma que, no Brasil, ocorrem anualmente cerca de 8 mil óbitos por abuso de drogas lícitas e ilícitas, sendo o álcool responsável por 85% dessas mortes.

O alcoolismo caracteriza-se por um aumento progressivo do consumo de álcool, de forma que quando a ingestão é interrompida de forma parcial ou completa, o indivíduo passa a apresentar sintomas físico-psíquicos de abstinência que constituem a Síndrome de Abstinência Alcoólica – SAA (SADOCK; SADOCK, 2007).

Há diferentes definições para os termos “uso”, “abuso” e “dependência de álcool”. A Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 2008) define “uso” de bebida alcoólica como consumo eventual/esporádico; o “abuso”, como o uso continuado, ou seja, é o uso frequente desta substância, de maneira que o usuário tem dificuldade de manter sob controle, acarretando abandono de outros interesses e danos para a sua vida afetiva, social e profissional, e; por último a “dependência”, que é o uso excessivo, impulsivo e incontrolado.

É relevante citar que por ser uma droga lícita, que “todos” aceitam e incentivam, principalmente as empresas de entretenimento e de bebidas alcoólicas, que investem grandiosamente em propagandas que associam o ato de beber ao prazer e a diversão, como se um dependesse do outro, esta droga tem sido utilizada, inclusive, por crianças, adolescentes e jovens (COSTA et al., 2007).

Diversos estudos mostram que quanto mais cedo for o início deste consumo, maiores serão as chances deste usuário se tornar dependente (FERIGOLO et al., 2005; MELONI; LARANJEIRA, 2005; STRAUCH, et al., 2009). Tal precocidade quanto ao uso do álcool é cada vez mais comum, sendo agravada, dentre outros fatores, pela facilidade de obtenção da droga e pela farta propaganda em torno de seu consumo. (SOARES, 2006; PECHANSKY et al., 2005).

As consequências de tal situação para esta faixa etária são enormes, como a falta de interesse pelos estudos, problemas de violência doméstica e envolvimento com gangues e traficantes, acidentes graves... Um dos motivos que levam a este incidente é o fato de que nesta fase, os adolescentes procuram se inserir no mundo por meio de grupos, e pra provar que fazem parte deles, são capazes de entrarem em situações perigosas (ANDRADE; HEIM,

2008). Para os adultos, as consequências, conforme afirmam Filizola et al. (2009) e Miranda et al. (2006), são dificuldades de relacionamento, afastamento do trabalho e da família, doenças diversas e até o óbito...

Quando se pensa em família, neste contexto, se tem duas vertentes:

Por um lado, é justamente nela que pode se iniciar o consumo desta substância, já que, muitas vezes, ela faz parte dos momentos de felicidade e comemoração da vida de um possível dependente de álcool, como seu próprio nascimento, baby chá, aniversários, formaturas, casamentos, batizados, entre outros. Dessa forma, a convivência com familiares que fazem uso do álcool poderá estimular o uso precoce dessa substância pelos filhos (PRATTA; SANTOS, 2009).

Por outro lado, o papel da família é fundamental, pois com a parceria dela, conforme afirmam Fornazier; Siqueira (2013), pode-se pensar no controle do consumo de álcool e/ou na amenização dos prejuízos que o sujeito pode vir a ter. Porém, para ser suporte a este usuário fragilizado pela bebida, é indispensável, de acordo com Schenker; Minayo (2014), que os cuidadores também possam receber cuidado, que eles tenham um lugar de fala, de expressão de seus medos, angústias, etc.

Dessa forma, observa-se que a família se encontra totalmente implicada quando um de seus membros é usuário de álcool, pois a dependência da droga reflete em um profundo impacto no ambiente familiar, como afirmam Santos; Martin, 2009. Sendo assim, decidiu-se realizar um estudo sobre a tema: “Relações familiares de alcoolistas”.

Vários fatores nos levaram a escolha deste tema, dentre eles, o uso excessivo e prejudicial desta droga pelo pai de uma das colegas, que há algum tempo, deixou o uso; do tio de outra colega, que faleceu por complicações no fígado e no estômago em consequência de seu abuso; e de tantos outros casos desastrosos que vemos todos os dias...

O presente artigo objetiva, portanto, analisar como se dão as relações familiares de usuários de álcool, discutindo os fatores que influenciam o consumo de bebidas alcólicas, incluindo a família enquanto fator de risco, quais os impactos do uso dessa substância sobre o usuário e seu ambiente familiar, o papel desempenhado pela família no tratamento do alcoolista e o atendimento ofertado à família do dependente de álcool.

A relevância deste artigo se verifica por ampliar a discussão sobre as relações familiares de usuários de álcool e, por consequência, o debate dessa temática poderá contribuir para subsidiar as ações das equipes de saúde que atendem essa demanda, de forma que tais equipes atuem assistindo, não apenas o usuário, mas também, seus familiares.

2 METODOLOGIA

Este estudo classifica-se como revisão de literatura, a qual, segundo Marconi; Lakatos (2007), está baseado em materiais já elaborados, principalmente de livros e artigos científicos, e tem o propósito de apresentar informações ligadas ao estudo e suas conclusões mais importantes.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros-textos e nas bases de dados do MedLine, LILACS e Scielo, utilizando os descritores “alcoolismo” e “família” combinados. Os critérios de inclusão para busca na literatura foram artigos científicos, redigidos em português, publicados no período de 2005 a 2015.

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, conceituada por Bardin (1995) como técnica de investigação científica que objetiva sistematizar os dados buscando critérios de classificação para o conteúdo explanado. Neste sentido foram utilizadas as seguintes categorias de análise: a) fatores que influenciam o consumo de bebidas alcoólicas; b) o consumo de álcool: implicações para o usuário; c) impactos do uso do álcool no ambiente familiar; d) o papel da família no tratamento do usuário de álcool, e; e) atendimento às famílias de alcoolistas. Na interpretação dos dados, realizou-se a discussão dos resultados, ressaltando-se os pontos mais importantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados e discutidos em cinco categorias de análise, a saber: a) fatores que influenciam o consumo de bebidas alcoólicas; b) o consumo de álcool: implicações para o usuário; c) impactos do uso do álcool no ambiente familiar; d) o papel da família no tratamento do usuário de álcool, e; e) atendimento às famílias de alcoolistas.

a) fatores que influenciam o consumo de bebidas alcoólicas

Os fatores que podem levar ao alcoolismo são diversos, como os de ordem biológica, psicológica e social, sendo que pode haver a influência destes fatores de forma concomitante. Quanto aos fatores biológicos têm-se dados que afirmam que a ocorrência do alcoolismo é de 50% em parentes de primeiro grau de alcoolistas e que filhos de pais alcoolistas do sexo masculino possuem uma predisposição 4 vezes maior ao abuso de álcool, comparado a filhos de pais não alcoolistas, independentemente de terem sido criados pelos pais biológicos. Dentre os fatores psicológicos alguns traços de personalidade como a impulsividade, baixa conformidade social, baixa autoestima e introversão possuem uma importante participação no início e manutenção da dependência (SOUZA; ARECO; FILHO, 2005). Dentre os fatores sociais destacam-se os conflitos familiares, a influência de amigos e a exposição a propagandas que enaltecem o uso de bebidas alcoólicas (COSTA et al., 2007; MORAES, 2008; PRATTA; SANTOS, 2009).

Segundo Pechansky et al. (2005), existem evidências de fatores dentro do ambiente familiar, como a negligência, o distanciamento emocional, a rejeição dos pais e a violência nas relações familiares, que estão relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas. Neste aspecto a família atua enquanto fator de risco para o início do consumo de álcool por um dos seus membros.

Por outro lado, nas famílias sem violência, nas quais os problemas são conversados e os pais vivem juntos e se preocupam com os filhos, haveria menor probabilidade de um uso abusivo de álcool e outras drogas (SOLDERA et al., 2005). Nesse sentido, Pratta; Santos (2009) ressaltam que o bom funcionamento familiar, que tenha coesão e adaptabilidade moderadas, correlaciona-se positivamente com os fatores protetores e preventivos do consumo álcool e outras drogas.

Para Moraes (2008), a influência dos amigos é considerada um dos principais motivos para o início do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes, pois o fato de consumirem tais bebidas é uma maneira de inserir-se no mundo adulto, representando uma prova de maturidade; no caso dos adolescentes do sexo masculino é uma forma de provar sua masculinidade e de se autoafirmar frente aos amigos.

Outro fator social que estimula o consumo de álcool são as propagandas, exibidas exaustivamente pela mídia, que associam o uso do álcool a bons momentos e sentimentos, utilizando para tanto, geralmente, cenas de reunião de amigos, com a presença de lindas mulheres em momentos de felicidade (COSTA et al., 2007). Os adolescentes mais expostos às propagandas envolvendo uso de álcool, de acordo com Pinsky; Pavarino (2007), têm maior probabilidade de serem influenciados por tais publicidades.

A exibição excessiva pela mídia de propagandas que valorizam o consumo de bebidas alcoólicas associada a facilidade de obtenção da droga tem forte influência no uso precoce e disseminado do álcool (SOARES, 2006; PECHANSKY et al., 2005); este uso precoce, por sua vez, aumenta as chances deste usuário se tornar dependente, conforme afirmam Ferigolo et al. (2005); Meloni; Laranjeira (2005); Strauch et al. (2009).

b) o consumo de álcool: implicações para o usuário

O consumo de álcool, segundo Minto (2007), causa prejuízos físicos, psicológicos e sociais ao usuário.

Quanto aos prejuízos físicos, aponta-se o consumo desta substância como um fator de risco para diversas doenças, tais como gastrite, hepatite, pancreatite, cirrose hepática, doenças cardiovasculares, etc., as quais, se agravadas, poderão levar à morte do indivíduo (GALLASSI, 2008).

O alcoolismo, conforme Miranda et al. (2006), se constitui na segunda causa mais comum de internações psiquiátricas, ocupando 32% do total de leitos em hospitais gerais. Somado a isto, tem-se que o consumo de álcool está em 5º lugar dentre as demandas de atendimento ambulatorial.

Outras problemáticas estão relacionadas à ingestão abusiva de álcool, como aumento no risco de acidentes de trânsito, de trabalho, domésticos, sexo desprotegido, atos de agressão pessoal contra outrem ou contra si próprio (suicídio) e homicídios (PECHANSKY et al. (2005).

Outro ponto importante a ser analisado é a relação entre a dependência de álcool e a diminuição da produtividade no trabalho, sendo comum tanto o aumento do número de faltas por parte do funcionário usuário desta droga quanto do número de acidentes de trabalho. Há uma correlação entre o uso abusivo de álcool e desemprego que é estabelecida em ambos os sentidos, isto é, tanto o uso abusivo de bebidas alcoólicas pode levar ao desemprego como a perda do emprego pode resultar em aumento do consumo de álcool (SANTOS; VELÔSO, 2008).

Desta forma, observa-se que o consumo de álcool tem implicações para o usuário de forma ampla e prejudicial, comprometendo o indivíduo em vários aspectos de sua vida, como o social, físico, psicológico, etc.

O usuário de álcool tem sua rotina totalmente modificada devido o consumo desta droga e acaba entrando em um círculo vicioso, em que o uso da substância causa malefícios e tais malefícios acabam sendo motivadores para o aumento da ingestão de bebidas alcoólicas.

De forma geral, portanto, o consumo do álcool apresenta-se como fator de desequilíbrio no cotidiano do usuário, impactando de forma negativa em vários aspectos de sua vida.

c) impactos do uso do álcool no ambiente familiar

A dependência do álcool atinge todos aqueles presentes no convívio diário do usuário, incluindo familiares, colegas de trabalho, amigos, etc., enfim toda a rede social no qual este usuário está inserido (RODRIGUES; AMESTOY; BRAZIL, 2006).

Dentre estes presentes no dia a dia do dependente, a família é quem está mais próxima e por isso sofre um profundo impacto, de forma a ter sua dinâmica das relações alteradas e mudanças nas suas rotinas cotidianas, passando a realizar atividades para cuidar do familiar usuário de álcool (SANTOS; MARTIN, 2009).

Conforme Filizola et al. (2009), o consumo abusivo de álcool acarreta diversas repercussões negativas sobre o desenvolvimento dos filhos do dependente como dificuldades na fala, de aprendizagem e de relacionamento. Tais repercussões também se verificam na fase da adolescência, como apontam Souza; Areco; Filho (2005), ao afirmarem que o consumo de álcool foi encontrado em proporções maiores entre adolescentes com histórico de alcoolismo na família. Neste sentido, estudos realizados por Pratta; Santos (2009) e Tavares; Béria; Lima (2005) apontam que o uso do álcool pelos pais e/ou outros membros da família, pode estimular o uso precoce dessa substância pelos filhos; importante ressaltar que, nestes

aspectos, a família atua como fator de risco para o início do consumo de álcool. Especificamente quanto ao consumo abusivo de álcool por mulheres no período da gravidez este pode resultar em complicações para a saúde da criança, como a Síndrome Fetal Alcoólica (SANTANA; ALMEIDA; MONTEIRO, 2014).

Segundo estudo realizado por Filizola et al. (2009), os familiares caracterizaram a concepção do alcoolismo e suas consequências para a família em três fases, a saber: a negação do alcoolismo; a fragilização dos vínculos familiares, e; a busca de auxílio em grupos de autoajuda. No que se refere à negação do alcoolismo observou-se que, inicialmente, a família entende o álcool como uma forma de interação social, não reconhecendo que seu uso ocasione conflitos no lar. Posteriormente o alcoolismo passa a provocar transformações na vivência familiar de forma a fragilizar os vínculos familiares devido a brigas e agressões frequentes; como consequência verifica-se a perda do respeito do usuário de álcool pelos demais familiares e o adoecimento de toda a família. Por fim, a família, geralmente, busca em grupos de autoajuda um auxílio para combater o alcoolismo, pois se vê incapaz de solucionar tal problema sozinha.

De acordo com Miranda et al. (2006), o indivíduo alcoolista pode apresentar comportamentos agressivos, causando dificuldades na convivência com a família. Este argumento é corroborado por Guimarães (2009), a qual aponta que o consumo de bebida alcoólica pode conduzir o indivíduo a praticar condutas violentas no ambiente familiar, sendo que a agressão e a mortalidade infantil podem aumentar caso a criança conviva em um ambiente familiar que tenha um sujeito alcoolista.

Neste sentido, Filizola et al. (2009) afirmam que as atitudes violentas causadas pelo dependente de álcool estão relacionadas a prejuízos decorrentes de seu uso, como a diminuição da percepção de risco e o aumento da impulsividade nas suas ações.

É importante observar que a violência no contexto familiar se apresenta tanto como consequência do consumo abusivo de álcool, conforme foi explanado anteriormente, como, também, fator de risco para o início do uso de álcool, tal como afirmam Rozin; Zagonel (2012); isto porque um ambiente familiar violento é um motivo de estresse para o indivíduo que vai consumir o álcool para tentar esquecer e ter a sensação de amenização de seus problemas.

Em pesquisa realizada com familiares de usuários de álcool, os mesmos apontaram o alcoolismo como fator de infelicidade do dependente e do grupo familiar (SANTOS; VELÔSO, 2008). Esse sentimento é decorrente das várias problemáticas que o uso do álcool provoca no ambiente familiar, que incluem relações conflituosas, presença da violência nesse

contexto, implicações prejudiciais para o desenvolvimento dos filhos e o sofrimento e adoecimento de toda a família.

d) o papel da família no tratamento do usuário de álcool

De acordo com Fornazier; Siqueira (2013), o usuário de álcool, que tem o apoio de seus familiares, apresenta maior adesão ao tratamento e uma recuperação mais rápida. Dessa forma, ressalta-se a importância da família como coparticipante do processo de tratamento, sendo que a mesma deve ser valorizada pelas equipes de saúde, enquanto fundamental para o alcance de resultados positivos nesse processo.

No que se refere ao tratamento do usuário de álcool, este atendimento depende de suas necessidades e recursos disponíveis, podendo ocorrer em serviços especializados como no CAPS AD ou em unidades básicas de saúde, hospital geral e grupos de apoio (FILIZOLA et al., 2006).

A família, pela proximidade e convivência, tem melhores condições para acompanhar os processos de saúde e doença de um dos seus integrantes. A partir da experiência e convivência com o indivíduo alcoolista e seus comportamentos advindos do uso abusivo da droga, a família aprende a oferecer cuidado a ele, de acordo com as demandas existentes (MIRANDA et al., 2006).

De forma sucinta, observa-se que a família desempenha um papel importantíssimo no tratamento da dependência do álcool, pois a mesma auxilia na adesão, permanência e na superação de dificuldades decorrentes do processo, sendo peça chave para que ocorra a reabilitação social do usuário. Por fim, a família pode colaborar com a equipe multidisciplinar identificando alterações comportamentais abruptas (como isolamento, irritabilidade, labilidade do humor, etc.), que podem ser indicativos de possíveis recaídas, as quais poderão ser evitadas.

e) atendimento às famílias de alcoolistas.

As famílias de dependentes de álcool, de acordo com Filizola et al. (2009), adoecem frente aos problemas e adversidades enfrentados pelos usuários. Neste sentido, é necessário destacar que, conforme afirma Zemel (2008), o alcoolismo não é um problema individual, mas um fenômeno que se estende, de forma profunda e devastadora, aos familiares próximos do usuário.

O adoecimento, que também atinge a família do usuário de álcool, é apontada por Marcon et al. (2012), como codependência da família que se manifesta por meio de um sistema de crenças e estratégias mal adaptativas que os familiares do dependente apresentam frente a situação de abuso da droga.

Diante do exposto, é fundamental que as famílias de dependentes de álcool também sejam assistidas pelas equipes de saúde. A oferta de cuidados à família, de acordo com Schenker; Minayo (2014), é fundamental, até mesmo, para a prevenção de recaídas do usuário de álcool, pois quando a família se encontra amparada pela rede de serviços, ela consegue dar um suporte maior ao dependente.

A assistência ao usuário de álcool e à sua família deve ser feita de uma forma tanto individual quanto grupal, auxiliando na quebra de crenças, preconceitos e reconhecimento do problema. Sendo assim, Veloso; Monteiro (2015) apontam o desenvolvimento de um plano terapêutico para cada caso, que incluam intervenções educativas e aconselhamento como estratégias de cuidado.

Quanto à rede de apoio, que deve auxiliar no tratamento do alcoólico e sua família, pode-se destacar: as redes de saúde e sociais, instituições civis, associações de familiares, centros comunitários, grupos de cultura, educação, lazer e esporte. Essa rede objetiva aumentar a autoestima, a criatividade, a independência, a autonomia e a reinserção social do dependente de álcool e se configura como importante fonte de apoio à família (NOBREGA; OLIVEIRA, 2014).

Nesse contexto, ressalta-se a importância de uma equipe multidisciplinar no atendimento do alcoólico e de sua família (FORNAZIER; SIQUEIRA, 2013). Dessa forma, conforme afirmam Santos; Martin (2009), intervenções multidisciplinares podem minimizar os danos causados pela codependência do uso do álcool.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alcoolismo que caracteriza-se pelo consumo abusivo do álcool pode ser influenciado por diversos fatores, dentre eles, fatores biológicos, psicológicos e sociais que podem agir de forma concomitante. Observa-se que a família, quando está desestruturada e com muitos conflitos, pode atuar como fator de risco para o início do consumo desta droga.

O uso excessivo do álcool resulta em vários prejuízos para o dependente, incluindo malefícios físicos, psicológicos e sociais. A dependência faz o indivíduo viver em função do álcool e ter, por consequência, sua vida totalmente desestruturada. Tais prejuízos acabam se estendendo à sua família, que pela proximidade com o usuário, sofre profundo impacto e tem sua dinâmica familiar alterada pelo alcoolismo.

Dentre as diversas problemáticas que surgem no ambiente familiar decorrentes do consumo de álcool estão: relações conflituosas, violência nesse contexto, sofrimento e adoecimento de toda a família. Observa-se que tais problemáticas acabam influenciando para que o sentimento de infelicidade esteja presente na vida do usuário e de seus familiares.

O apoio da família em relação ao tratamento do alcoolista revela-se como de fundamental importância, pois implica maior adesão, permanência e superação de dificuldades, por parte do dependente, nesse processo. Dessa forma, ratifica-se a indispensabilidade da família no processo de reabilitação social do usuário de álcool.

Reforça-se que não só o alcoolista adoece, mas toda a sua família, por isso ambos precisam ser assistidos pelas equipes de saúde. Neste sentido, verificou-se que, por meio da atuação de uma equipe multidisciplinar, os danos causados pela codependência do uso de álcool podem ser minimizados.

O presente artigo constitui-se em um passo importante no que se refere ao aprofundamento da discussão da temática relações familiares de usuários de álcool e pretende contribuir para que os profissionais que atuam no atendimento a alcoolistas revejam e reavaliem suas práticas de forma a oferecer cuidados ao dependente de álcool e seus familiares.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. G.; HEIM, J. Efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 35, p. 61-64, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- CID-10. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. V. I, Disponível *on line*: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>, revisado em português por Dr. Jacques Levin, Datassus, 2008.
- COSTA, J. S. D. et al. Consumo abusivo de bebidas alcoólicas fatores associados: estudo de base populacional. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n.2, p. 284-291, 2007.
- FERIGOLO, M. et al. Drogas prevalentes no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 10-16, 2005.
- FILIZOLA, C.L.A. et al. Alcoolismo e família: a vivência de mulheres participante do grupo de autoajuda Al-Anon. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 58, n 3, p. 181-186, 2009.
- FILIZOLA, C.L.A. et al. Compreendendo o alcoolismo na família. **Revista Escola Anna Nery**, v. 10, n. 4, p. 660-670, 2006.
- FORNAZIER, M.L.; SIQUEIRA, M.M. Consulta a pacientes alcoolistas em um programa de assistência ao alcoolismo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 4, p.280-287, 2013.
- GALLASSI, Andrea Donatti et al. Custos dos problemas causados pelo abuso do álcool. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, n. 1, p. 25-30, 2008.
- GONÇALVES, A. **Álcool é a droga que mais mata**. Maringá: Gazeta de Maringá; 2012
- GUIMARÃES, A.B.P. et al. Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas. **Revista contexto & saúde**, v.9, n.15, 2009.
- MARCON, S.S. et al. Vivência e reflexões de um grupo de estudos junto às famílias que enfrentam a situação crônica de saúde. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 14, n. 3, p. 116-124, 2012.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MELONI, J. N.; LARANJEIRA, R. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, p. 7-10, 2005.

MORAES, M. S. A. A representação subjetiva das bebidas alcoólicas no adolescente e os fatores influenciadores no consumo do álcool. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, 2008.

MINTO, Elaine Cristina et al. Intervenções breves para o uso abusivo de álcool em atenção primária. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 16, n. 3, p. 207-220, 2007.

MIRANDA, F.A.N. et al. O impacto negativo dos transtornos do uso e abuso do álcool na convivência familiar. **Revista Eletrônica de Enfermagem (online)**, v. 8, n. 6, p. 222-232, 2006.

NOBREGA, M.P.; OLIVEIRA, E.M. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 5, p. 816-823, 2014.

PECHANSKY, F. et al. **Uso de álcool entre adolescentes**. Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

PINSKY, I.; PAVARINO FILHO, R. V. A apologia do consumo de bebidas alcoólicas e da velocidade no trânsito no Brasil: considerações sobre a propaganda de dois problemas de saúde pública. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 110-118, 2007.

PRATTA, EMM; SANTOS, MA. Uso de drogas na família e avaliação do relacionamento com os pais segundo adolescentes do ensino médio. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 1, p. 32-41, 2009.

RODRIGUES, P.F.; AMESTOY, S.C.; BRAZIL, C.M. O papel da família no tratamento do alcoolismo: a visão do paciente. Ijuí, **Revista contexto & saúde**, v.6, n.11, jul./dez, p. 55-62, 2006.

ROZIN, Leandro; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 314-318, 2012 .

SADOCK, B.J.; SADOCK, V.A. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTANA, RA; ALMEIDA, LFJL; MONTEIRO, DLM. Síndrome alcoólica fetal – revisão sistematiza. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v. 13, n. 3, p. 62-67, 2014.

SANTOS, ECV; MARTIN, D. Cuidadoras de pacientes alcoolistas no município de Santos, SP, Brasil. **Revista brasileira de Enfermagem**, Brasília; v. 62, n. 2, p.194-199, 2009.

SANTOS, M.S.D.; VELÔSO, T.M.G. Alcoolismo: representação sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** (Botucatu), v. 12, n. 26, p. 619-634, 2008.

SCHENKER, M; MINAYO, MCS. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Revista Ciência e saúde coletiva**, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2014.

SOARES, R. Inimigo Íntimo: O álcool e o cérebro dos jovens. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, p. 96-104, 2006.

SOLDERA, M. et al. Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 3, p. 174-179, 2005.

SOUZA, D.P.O.; ARECO, K.N.; FILHO, D.X.S. Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 4, p. 585-592, 2005.

STRAUCH, E. S. et al. Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 4, p. 647-655, 2009.

TAVARES, BF; BÉRIA, JU; LIMA, MS. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. **Revista de Saúde Pública**, v. 38. n. 6, p.787-796, 2005.

VELOSO, L.U.P.V.; MONTEIRO, C.F.S. A família frente ao alcoolismo: um estudo fenomenológico. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 52, n. 6, 2015.

ZEMEL, MLS. O papel da família no tratamento da dependência. **Revista IMESC**, n. 5, p. 43-63, 2008.

ANEXOS

ANEXO A- Normas para publicação de artigos na Revista *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (REVIPSI)

Estudos e Pesquisas em Psicologia (REVIPSI) é uma Revista Eletrônica quadrimestral, vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), alocada no site <http://www.revipsi.uerj.br>, foi criada em 2001 com a finalidade de publicar textos inéditos em Psicologia e áreas afins, sob a forma de artigos, comunicações breves de pesquisas, resumos de dissertações, teses e resenhas.

A Revista recebe artigos em português, inglês e espanhol. O recebimento de artigos em outras línguas fica a critério da comissão editorial.

A Revista apresenta as seguintes seções:

- **Artigos:** o artigo deve compreender temáticas relativas às áreas de interesse da Psicologia, tratadas a partir de investigações baseadas em dados empíricos, análises teóricas, além de revisão crítica da literatura pertinente ao campo de estudos da Psicologia. O artigo deverá conter de 15 a 25 páginas de texto, incluindo as referências e as folhas 1 e 2, conforme as instruções para preparação dos originais;
- **Resenhas:** resumo crítico de obra recém-publicada, até dois anos no máximo, orientando o leitor quanto a suas características e usos potenciais. A resenha deve contar de duas a quatro páginas, devendo estar de acordo com as normas relativas à publicação de resenhas críticas;
- **Comunicações de Teses:** a REVIPSI publica comunicações de dissertações e teses, defendidas até dois anos no máximo, com seis páginas no mínimo e que seja relativa ao campo de estudo da Psicologia;
- **Comunicações de pesquisas:** relato completo da pesquisa, porém sucinto, concluída ou em andamento (mas já com resultados ainda que parciais), entre 10 e 15 páginas;
- **Tradução de artigos:** A REVIPSI eventualmente publica artigos traduzidos, desde que devidamente acompanhados de uma carta de consentimento da fonte original de sua publicação;
- **Resenhas de filmes:** as resenhas de filmes devem demonstrar claramente o vínculo com o campo da Psicologia e suas áreas afins. Além disso, a resenha deve, obrigatoriamente, contar com referencial teórico;
- **Entrevistas com intelectuais consagrados:** devem tratar de assuntos que façam parte do campo de estudos da Psicologia.

Informações aos colaboradores

Sobre a remessa dos trabalhos:

Os textos deverão ser submetidos diretamente no Portal da *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, seguindo todos os passos devidamente descritos a partir

da página www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/author/submit.

Ressaltamos que é necessária a apresentação de Carta do Comitê de Ética em Pesquisa para submissão de trabalhos com seres humanos.

Em caso de dúvidas referentes ao Processo de Submissão de Artigos, contacte-nos através do e-mail renato.neto@uerj.br.

I. Preparação dos originais

Os trabalhos devem ser digitados em *Microsoft Word* e com espaço entre linhas duplo, com margem esquerda, direita, inferior e superior de 2,5 cm, em fonte *Times New Roman*, corpo 12.

O texto deve ser precedido por:

- **Folha 1:** Folha de rosto, em que conste título (máximo de 15 palavras) quando houver, na língua original, nome(s) completo(s) do(s) autor(es) e respectivas vinculações institucionais por extenso.
- **Folha 2:** Esta folha é reservada para os **artigos e comunicações de pesquisa**. Deve conter novamente o título e subtítulo quando houver, o resumo com no máximo 200 palavras (artigos), ou 150 palavras (comunicações de teses ou pesquisas) e três a cinco palavras-chave. Títulos e subtítulos devem ser apresentados também em inglês e espanhol. Deve haver resumo em espanhol e em inglês no mesmo formato assim como palavras-chave.
- **Folha 3 e demais:** Composta pelo título e subtítulo quando houver, e texto, sem a identificação do(s) autor(es). Chamamos a atenção aos autores para que **retirem** do texto e do arquivo enviado à revista qualquer tipo de identificação, a fim de preservar a sua identidade.

II. Normas para as Seções da Revista

- **Artigos** compreendem investigações baseadas em dados empíricos, análises teóricas e revisão crítica da literatura concernente ao campo de estudo da Psicologia e áreas afins, com 15 páginas no mínimo.

B. Resumos em português e Inglês: Parágrafos com no máximo 200 palavras (artigos), ou 150 palavras (comunicações de teses e de pesquisas), com o título Resumo escrito centralizado na primeira linha abaixo do cabeçalho. Ao fim do resumo, listar pelo menos três e no máximo cinco palavras-chave em português e inglês respectivamente (em letras minúsculas e separadas por ponto e vírgula).

C. Corpo do texto: Não é necessário colocar título do manuscrito nessa página.

Os títulos das subseções do corpo do texto devem estar centralizados e ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula. Os subtítulos das subseções devem estar em itálico e ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula (por exemplo, os subtítulos da subseção Método: Participantes, ou Análise dos Dados).

- **Resenhas** referem-se a revisões críticas de obras recém-publicadas (nos últimos dois anos, no máximo), fornecendo ao leitor o conteúdo condensado da obra, ressaltando-se os seus aspectos mais importantes e os seus usos potenciais, contendo de duas a quatro páginas. Toda resenha deve apresentar título em português, inglês e espanhol, assim como também a referência completa do livro resenhado logo abaixo do título, segundo as normas da APA (APA, 2010), com indicação do número de páginas do livro.

- **Comunicações de teses** recém-defendidas (nos últimos dois anos, no máximo) devem ter no mínimo seis páginas e devem conter título em português, inglês e espanhol, resumo em português, inglês e espanhol e palavras-chave em português, inglês e espanhol.

- **Comunicações de pesquisas**, finalizadas ou em andamento (desde que já com resultados), apresentar entre 10 e 15 páginas e devem conter título em português, inglês e espanhol, resumo em português, inglês e espanhol e palavras-chave em português, inglês e espanhol.

III. Apresentação de Imagens ou Tabelas

- As imagens, tabelas, gráficos, figuras e outros devem ser apresentadas no formato "JPEG" ou "GIF", inseridas no corpo do texto e situadas exatamente onde devem aparecer na publicação. Devem seguir o formato definido na Sexta Edição do Manual de Publicação da American Psychological Association (APA, 2010)

A apresentação das citações e referências devem também seguir a Sexta Edição do Manual de Publicação da American Psychological Association (APA, 2010).

IV. Procedimentos de Avaliação dos Textos

Os textos aceitos são avaliados de acordo com os critérios de publicação da Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia, estabelecidos pelas normas descritas, levando-se em consideração a forma e as exigências da Comissão Editorial e da Secretaria de Publicação da *REVIPSI*.

Serão encaminhados para avaliação apenas os trabalhos que venham acompanhados de declaração expressa de originalidade e ineditismo de seu conteúdo, assinado por todos os autores, da carta de aprovação no comitê de ética,

e que atendam as normas em vigor da Revista.

Uma vez aprovados nesta primeira etapa, os textos em forma de artigos, comunicações e resenhas, são encaminhados a dois pareceristas, juntamente com uma ficha de avaliação (ver modelo ao final).

Caso as avaliações dos pareceristas e/ou do Editor responsável indiquem a necessidade de correção, ou mudança estrutural, os mesmos são encaminhados ao(s) autor(es), em anexo ao texto original. Caso seja de interesse do autor reformular o trabalho, este deve vir acompanhado de uma carta explicitando todas as modificações do texto, bem como evidenciando em cor diferente suas alterações no texto.

Caso o texto não tenha sido aprovado, a avaliação dos pareceristas e/ou do Editor responsável também serão anexadas aos originais e devolvidas para ciência do autor(es).

A *REVIPSI* utiliza o sistema de avaliação do tipo *blind review*, a fim de preservar a identidade dos autores e consultores *Ad Hoc*.

A Comissão Editorial reserva-se o direito de efetuar pequenas alterações ou cortes no trabalho, com o objetivo de uniformizá-lo aos critérios de publicação da revista, desde que nenhuma destas alterações resulte em modificações de conteúdo. A Comissão Editorial reserva-se, ainda, o direito de decidir sobre casos especiais, a fim de manter a qualidade e periodicidade da revista.

V. Direitos Autorais

Os trabalhos publicados no espaço virtual da Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia serão automaticamente cedidos, ficando os seus direitos autorais reservados à *REVIPSI* e a sua reprodução total ou parcial (mais de 500 palavras do texto original) deve ser solicitada por escrito ao Editor.

VI. Termo de responsabilidade

O conteúdo do trabalho original, ou mesmo reformulado quando for o caso, que venha a ser publicado na *REVIPSI* é de total e absoluta responsabilidade do(s) autor(es), o que inclui os aspectos éticos e legais inerentes à realização de um trabalho científico no espaço virtual.